

A LIBRAS NO PROCESSO FORMATIVO HUMANO, EDUCACIONAL E SOCIAL DE SUJEITOS SURDOS NA AMAZÔNIA TOCANTINA

Waldma Máira Menezes de Oliveira¹

RESUMO

Neste estudo, apresenta-se um recorte da tese de Oliveira (2023) para ilustrar um dos elementos formativos na construção das identidades dos sujeitos surdos da Amazônia tocantina: a Libras. Assim, o objetivo geral é analisar o significado da Língua Brasileira de Sinais na concepção que os Surdos da Amazônia Tocantina fazem de si e na construção de suas identidades. O estudo caracterizou-se enquanto uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada, com foco teórico das narrativas de vida e da técnica da elaboração do desenho, descritas no Círculo Dialógico Cultural. Como resultado inferiu-se que a Libras apresenta-se em três dimensões: em uma dimensão humana, uma vez que, por meio dela, os entrevistados se identificam como surdos e demarcam seu pertencimento a uma comunidade linguística, em uma dimensão educacional, na qual indica a proposição e o fortalecimento de uma educação bilíngue e em uma dimensão social, já que, através do ensino de Libras em cursos básicos e na sua circulação em todos os espaços sociais, favorece o combate ao capacitismo para o anúncio de uma sociedade anticapacitista e inclusiva.

Palavras-chave: Identidades. Ser Surdo. Libras.

LIBRAS IN THE HUMAN TRAINING, EDUCATIONAL AND SOCIAL OF DEAF SUBJECTS IN THE AMAZON TOCANTINA

ABSTRACT

In this study, an excerpt from Oliveira's (2023) thesis is presented to illustrate one of the formative elements in the construction of the identities of deaf subjects from the Tocantina Amazon: Libras. Thus, the general objective is to analyze the meaning of the Brazilian Sign Language in the conception that the Deaf people of the Tocantina Amazon have of themselves and in the construction of their identities. The study was characterized as field research, with a qualitative approach, using a semi-structured interview script, with a theoretical focus on life narratives and the technique of drawing creation, as described in the Cultural Dialogical Circle. As a result, it was inferred that Libras presents itself in three dimensions: in a human dimension, since, through it, the interviewees identify themselves as deaf and demarcate their belonging to a linguistic community, in an educational dimension, which indicates the proposition and strengthening of bilingual education and in a social dimension, since, through the teaching of Libras in basic courses and in its circulation in all social spaces, it favors the fight against ableism for the announcement of an anti-ableism society and inclusive

Keywords: Identities. Being Deaf. Libras.

¹ Doutora em Educação. Faculdade de Educação do Campo e do Programa de Pós-graduação em Educação e cultura, UFPA-Campus Cametá; Estado do Pará, Brasil. Coord. do Grupo de Estudos Surdos na Amazônia Tocantina (GESAT). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-8747-5185>. E-mail: waldma@ufpa.br.

LIBRAS EN PROCESSOS DE LA FORMACIÓN HUMANA, EDUCATIONAL Y SOCIAL DE SUJETOS SORDOS EN LA AMAZONÍA TOCANTINA

RESUMÉN

En este estudio se presenta un recorte de la tesis de Oliveira (2023) para ilustrar uno de los elementos formativos en la construcción de las identidades de los sujetos sordos en la Amazonia tocantina: a Libras (Lengua Brasileña de Señas). Así, el objetivo general es analizar el significado de la Lengua de Señas Brasileña en la concepción que las personas Sordas de la Amazonía Tocantina tienen de sí mismas y en la construcción de sus identidades. El estudio se caracterizó como una investigación de campo, con enfoque cualitativo, utilizando un guión de entrevista semiestructurada, con enfoque teórico sobre las narrativas de vida y la técnica de preparación del dibujo, descrita en el Círculo Dialógico Cultural. Como resultado se infirió que Libras se presenta en tres dimensiones: en una dimensión humana, ya que, a través de ella, los entrevistados se identifican como sordos y demarcan su pertenencia a una comunidad lingüística; en una dimensión educacional, en la que indica la propuesta y fortalecimiento de una educación bilingüe y en una dimensión social, ya que, a través de la enseñanza de Libras en cursos básicos y su circulación en todos los espacios sociales, favorece la lucha contra el capacitismo para anunciar una sociedad anticapacitista e inclusiva.

Palabras clave: Identidades. Ser Sordo. Libras.

INTRODUÇÃO

A identidade é construção histórica, social, cultural e política de homens e mulheres em suas relações inter-humanas. Todos os elementos constituem a pessoa e sua identidade no âmbito existencial e sociocultural, portanto, as identidades não podem ser caracterizadas como fixas, essencialistas, abstratas e imutáveis; ao contrário, são fluidas, metamorfoses em constante que fazer nas relações.

A Língua Brasileira de Sinais ocupa um lugar vital na construção das identidades de sujeitos surdos, uma vez que, por meio dela, o sujeito compreende e interage com o mundo ao demarcar sua cultura e identidade (Brasil, 2005). A língua de sinais é elemento identitário e de resistência, agrupa sujeitos surdos em torno das comunidades linguísticas. A partir do seu reconhecimento, possibilitou olhar a surdez no campo socioantropológico e da diferença como alteridade, ao demarcar que os sujeitos surdos pertencem a um grupo linguístico minoritário.

Lopes (2007) descreve que foi por meio da Língua de Sinais que os sujeitos surdos se fortaleceram, assumiram sua diferença linguística e agruparam-se em torno das comunidades surdas em busca do reconhecimento de sua singularidade

e identidade, como também no combate às práticas ouvintistas, colonialistas e normalizadoras da surdez. Nesse sentido, a autora afirma que a Libras, ao ser reconhecida como língua pertencente à comunidade surda, afirma-se “como instrumento cultural” (Lopes, 2007, p. 28).

A surdez, então, por intermédio da Libras, começa a ser vista pelo selo da diferença e não mais pela falta e/ou dano biológico. As políticas linguísticas no campo da surdez são descritas principalmente pela Lei de Libras, que reconhece a Libras como língua das comunidades surdas brasileira (Brasil, 2002) e pelo Decreto de Libras, que garante o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais como modo de interação efetiva das pessoas surdas nos espaços sociais, educacionais e linguísticos (Brasil, 2005).

A Língua Brasileira de Sinais inscreve-se no lugar da diferença linguística e identitária a partir do âmbito socioantropológico. Nesse ínterim, destaca-se que a Libras simboliza resistência, fortalecimento, autoestima e particularidade existencial e social da comunidade surda que a usa, e a comunidade surda torna-se um movimento de resistência do direito de ser surdo e da valorização do pertencimento linguístico minoritário.

Neste estudo, apresenta-se um recorte da tese de Oliveira (2023) para ilustrar um dos elementos formativos na construção das identidades dos sujeitos surdos da Amazônia tocantina: a Libras. Assim, objetiva-se analisar o significado da Língua Brasileira de sinais na concepção que os Surdos da Amazônia Tocantina fazem de si e na construção de suas identidades.

MÉTODO

O estudo caracterizou-se enquanto uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada, com foco teórico das narrativas de vida e da técnica da elaboração do desenho, descritas no Círculo Dialógico Cultural (CDC)², com base em (Oliveira, 2023).

² O Círculo Dialógico Cultural (CDC) constitui-se enquanto técnica metodológica decolonial, propondo uma prática investigativa enraizada no diálogo como instrumento de mediação entre o pesquisador e o participante da pesquisa. O espaço torna-se um ambiente democrático, de pensamentos livres e respeitados, o qual possibilita o entrevistado narrar sua vida problematizando e debatendo com o pesquisador os fatores externos e internos para a maturação de tal fato (Oliveira, 2023, p. 172).

Os sujeitos da pesquisa são 04 (quatro) sujeitos surdos tendo o lócus de investigação 03 (três) municípios da Amazônia Tocantina, a saber: Cametá, Igarapé-Miri e Oeiras do Pará, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Perfil dos participantes

| Nome fictício | Idade | Sexo | Escolaridade | Município | Libras | Trabalham |
|---------------|-------|-----------|----------------------------|----------------|-------------------|-----------|
| Nelson | 25 | Masculino | Ensino superior incompleto | Cametá | Fluente em Libras | Sim |
| Patrícia | 21 | Feminino | Ensino superior incompleto | Igarapé-Miri | Fluente em Libras | Sim |
| Shirley | 23 | Feminino | Ensino superior incompleto | Igarapé-Miri | Fluente em Libras | Sim |
| Gladis | 33 | Feminino | Ensino médio completo | Oeiras do Pará | Fluente em Libras | Não |

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Os critérios éticos foram respeitados nesta pesquisa³ e aos sujeitos Surdos solicitou-se a confirmação e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Na análise dos dados trabalhou-se com a análise de conteúdo (Bardin, 2010).

A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA FORMAÇÃO HUMANA, EDUCACIONAL E SOCIAL DO SER SURDO

Apresenta-se a Libras como empoderamento da identidade linguística e como língua que anuncia as identidades de Gladis, Nelson, Patrícia e Shirley, indivíduos bilíngues e usuário da Libras pertencentes à Amazônia tocantina. No CDC, a Libras apresenta-se no processo formativo humano, educacional e social dos sujeitos surdos. A língua de sinais é a língua de identificação, de anúncio da liberdade e do processo e humanização da pessoa surda, conforme as sinalizações a seguir:

Tenho direito de ser surdo, de viver e usar a língua de sinais. O surdo se desenvolve através da língua de sinais, ele não pode ficar preso e isolado, ele precisa ter movimento de luta oficializando a língua de sinais em todos os espaços [ênfase adicionada]. A Libras é muito importante no meu processo de aprendizagem, para o meu processo de desenvolvimento e para o desenvolvimento futuro da

³ A pesquisa foi submetida e aprovada no comitê de ética na Plataforma Brasil, conforme Parecer Consubstanciado nº 4.106.647, datado em 23/06/2020.

minha vida. *A Libras me ajudou a sinalizar e mostrar que sou surdo, que uso a Libras e que não sou burro* [ênfase adicionada] (Entrevistado Nelson).

Com base na narrativa de Nelson, nota-se que a diferença no campo da alteridade do Estar sendo Surdo é vivida por meio da Língua Brasileira de Sinais. Para ele, a Libras é a língua da diferença surda, do desenvolvimento, do direito de ser visto na sua singularidade existencial e linguística. É uma língua de autodeclaração de ser Surdo e de relação, pois o retirou do isolamento e conferiu a ele a quebra do capacitismo.

Nelson chama atenção para o direito de ser Surdo no campo linguístico e de viver e se comunicar através da Libras, isso é, “o direito da pessoa surda de usar a sua língua, uma língua que se traduz na experiência visual” (Quadros, 2003, p. 96) e que reverbera na construção de sua identidade, na alteridade e no empoderar-se enquanto ser Surdo.

Percebe-se o direito garantido a esses sujeitos, o direito de usar a língua de sinais e de ser reconhecido como sujeito surdo em sua diferença. O reconhecimento de si e do outro por meio da alteridade. Quando Nelson sinaliza o direito de usar a Libras, aproxima-se da premissa de aceitação e respeito na perspectiva da alteridade, a aceitação da língua do outro é aceitação do mesmo e tal ação é um direito a ele constituído. Somando-se a essa sinalização, destaca-se a narrativa de Patrícia:

A Libras é muito importante porque ela é identidade dos surdos. A utilização da Libras é nossa L1, é nossa primeira língua e é muito importante na comunicação da comunidade surda . . . antes da oficialização da lei de Libras, era utilizado o oralismo e o Surdo sofria muito, mas com a lei de 2002, possibilitou o acesso à Língua de Sinais e eu fico muito feliz porque é forma com que eu me expesso e me comunico falo as minhas opiniões [ênfase adicionada] (Entrevistada Patrícia).

Patrícia demarca que a Libras faz parte da identidade do sujeito surdo e ela é garantida por meio da lei de Libras nº 10.436/2002, que confere às comunidades surdas brasileira o reconhecimento da Libras como primeira língua da pessoa surda. Na mesma intensidade da sinalização de Nelson, percebe-se a aproximação do direito do surdo em utilizar a Libras como língua de instrução e de identificação

do ser surdo. Ambos convergem para o direito atrelado à diferença como alteridade, portanto, nessa relação dialética e dialógica, o “olhar do outro não é um olhar superficial, é um olhar de empatia – sentir o que o outro sente, sentir o que pensa e como vê a vida” (Loos *et al.* 2010, p. 152).

A Libras conota esse sentido de direito garantido para os dois, através de lutas contra a imposição oralista e capacitista. Nessa lógica opressiva, Patrícia sinaliza que as práticas oralistas eram um sofrimento para os dois. Além disso, através do *status* linguístico concedido à Libras, os sujeitos surdos podem se desvincular dessa imposição e anunciar, por meio da língua, suas identidades, seus pensamentos e suas opiniões.

Na lógica oralista, o sujeito surdo era obrigado a se enquadrar no padrão normativo ouvinte: oralizar. Os surdos foram silenciados e interditados de dizer sua palavra – nesse caso, de sinalizar seu sinal. Foram desumanizados a tal ponto que a opressão freou suas potencialidades, criatividade e criticidade. Patrícia anuncia que a Libras é a língua que demarca sua identidade de mulher-negra-surda e que por meio dela se reconhece em sua totalidade.

Somado a isso, Gladis infere que “a Libras ajudou a me compreender, porque através da língua de sinais eu pude me expressar e mostrar minha identidade [ênfase adicionada]. Antes dela, eu só conseguia copiar, eu não conseguia trabalhar, não conseguia me expressar”. É extremamente necessário destacar que a Libras oportunizou demarcações vitais para os surdos sinalizantes, como a construção de sua identidade, a anunciação de sua diferença, o pertencimento linguístico a um grupo e a possibilidade de expressão de seus pensamentos, seus anseios e sonhos.

Gladis destaca que por meio da Libras se percebeu como pessoa que faz uso de uma língua diferente, que deve ser vista na sua diferença. Segundo ela, antes da Libras, não conseguia de expressar apenas copiava a matéria sem compreendê-la, mas consegue se expressar quando começa a sinalizar. Novamente, a língua ilustra-se como libertação das amarras do oralismo e do capacitismo.

Olhar os sujeitos surdos (Nelson, Patrícia e Gladis) pelo prisma da diferença linguística é acolher a singularidade do outro surdo e compreender que tal sujeito é muito mais do que um corpo com ausência de um sentido, é um corpo na

totalidade, que se comunica e se expressa de um outro modo, utilizando a Libras. Portanto, “exige que nos pensemos na nossa capacidade de olhar para os surdos colocando-os em outras tramas, que não aquelas atreladas às pedagogias corretivas” (Lopes, 2007, p. 86).

Shirley comunga da mesma representação de Nelson, Patrícia e Gladis. Para ela, a Libras é a comunicação do surdo com a sociedade. Em todos os espaços que o surdo ocupar ou vier a ocupar, ela deverá se fazer presente. Dessa forma, a Língua Brasileira de Sinais se fará presente em todos os ambientes ocupados pelos surdos e o poder público deverá viabilizar a comunicação entre os surdos e ouvintes. A “*Libras é muito importante porque eu posso me comunicar* [ênfase adicionada] na escola, na universidade, na igreja, em vários lugares, com Libras eu posso ter essa comunicação com o surdo” (Entrevistada Shirley).

Shirley, então, apoia-se na premissa da circulação Libras em todos os espaços que o surdo estiver com base na Lei de Libras. Ela demarca o dever do poder público em garantir “formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p. 1).

A Libras ocupa lugar central nas identidades de Gladis, Nelson, Patrícia e Shirley, uma vez que foi essa língua que oportunizou aos entrevistados a sinalização da denúncia das opressões oralistas e capacitistas. Ela foi o anúncio do empoderamento, do direito linguístico e da assunção de serem surdos sinalizantes, portanto, a Libras constitui elemento formativo humano e identitário para eles.

No âmbito educacional, a Libras é vista pelos entrevistados na afirmação de uma política bilíngue para a educação de surdos. Nas narrativas de vida sinalizadas no CDC, destaca-se:

Sentia muita dificuldade e, às vezes, eu não entendia, me sentia cansada, isolada, confusa, porque eu era a única surda de lá, era muito difícil compreender o que o professor falava e ficava na minha frente me mandava sentar e eu não entendia nada, então fingia que estava lendo, para tentar entender o tema, só que no fundo eu não entendia. *Se fosse em Libras, eu entenderia, por isso é importante ensinar em Libras, para que o surdo compreenda e depois possa ler e escrever o português* [ênfase adicionada] (Entrevistada Gladis).

Ao pensar na educação de surdos na conjuntura da educação inclusiva, devem ser consideradas as especificidades linguísticas inerentes a esses sujeitos. Isso significa que o educando surdo deve conviver em um ambiente bilíngue que favoreça a construção de sua identidade e valorize a Libras na comunicação. Pesquisas apontam que a educação inclusiva desconsidera as especificidades linguísticas dos surdos, não dispõe de práticas pedagógicas que favoreçam a sua aprendizagem e não possibilitam um ambiente efetivamente bilíngue (Oliveira, 2015).

Gladis sinaliza sua vivência em um espaço – sala de “inclusiva” –, no qual não compreendia o que o professor ensinava. Ficava isolada e apenas copiava, assumindo uma identidade de *surda-copista-semLibras*. Shirley, por sua vez, sinaliza suas vivências educacionais em momentos de tensão com a metodologia do professor e com o apoio do intérprete educacional: “na escola, os professores não sabiam Libras, só quem sabia eram os surdos e as intérpretes. Aí ficávamos juntos e as intérpretes nos ensinavam em Libras e também o português”.

Shirley retrata que, pelo fato de os professores não saberem língua de sinais, ela era assistida e ensinada pelo intérprete educacional. A entrevistada Patrícia corrobora com essa sinalização ao ilustrar: “o ensino em Libras era feito pelas intérpretes e eu entendia... estudávamos depois das aulas, e elas me ensinavam as atividades em Língua de Sinais e me ajudavam a escrever o português”. Nota-se que o intérprete educacional por ser usuário da Libras é visto como professor dos alunos surdos que realiza um ensino bilíngue.

Nesse contexto, é pertinente destacar que o professor é responsável por ensinar e o intérprete por interpretar. Cada um deve desempenhar sua função ajudando um ao outro no processo de inclusão do surdo. Portanto, “é imprescindível ao professor, que trabalhe com os educandos surdos, tenha noção da Libras, para favorecer o diálogo, da forma como surdo aprende, das suas identidades e da sua peculiaridade linguística” (Oliveira, 2015, p. 149).

Shirley e Patrícia apresentam em suas sinalizações que recebiam um ensino bilíngue pelas intérpretes educacionais, uma vez que, após a finalização da aula, essas profissionais ensinavam os conteúdos em Libras e ajudavam a compreender o português como segunda língua na modalidade escrita. Destaca-se, então, a

necessidade de uma educação bilíngue como já pontuada por Gladis em sua realidade educacional: “Se fosse em Libras, eu entenderia, por isso é importante ensinar em Libras, para que o surdo compreenda e depois possa ler e escrever o português”.

Não se pode pensar em uma inclusão escolar de educandos surdos que desconsidere a Libras. Entretanto, nos CDC, percebeu-se que a língua de sinais era utilizada apenas por educandos surdos e pelos intérpretes educacionais, o que agravava o processo de ensino e a efetivação de uma educação e um espaço bilíngue na escola.

De acordo com Lopes (2007, p. 67), “a corrente do bilinguismo entende que Língua de Sinais, por ser a primeira língua de surdos, deve ser aprendida o mais cedo possível”. A Libras será a língua de instrução no ensino do sujeito surdo para o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua.

A partir da corrente do bilinguismo, o surdo deixa de tentar seguir o modelo do ouvinte e passa a construir sua identidade no contato com seus pares, com os alunos ouvintes, com o intérprete educacional e com os professores. Desse modo, o ambiente educativo necessita ser verdadeiramente bilíngue, a fim de que a acessibilidade linguística ocorra e, a partir dela, os sujeitos possam demarcar sua identidade e se encontrar para reconhecer e transformar o mundo em colaboração. Além disso,

O direito da Língua de Sinais deve exceder ao reconhecimento legal: deve impulsionar as escolas às mudanças; os currículos escolares, às alterações e descentramentos; não apenas com o movimento de uma disciplina que mostra as relíquias de uma língua, mas afetando e minando mudanças estruturais na educação e na construção de um ensino verdadeiramente bilíngue (Martins, 2008, p. 201).

A luta pela garantia de uma educação bilíngue para surdos não se centraliza apenas dentro do espaço educacional com as vivências de Gladis, Patrícia e Shirley. É também uma bandeira de luta dentro das comunidades surdas e em suas associações, conforme a sinalização de Nelson: “na associação de surdos, lutamos para que a Libras seja ensinada nas escolas para desenvolver uma educação bilíngue”.

Nesse ínterim, Oliveira (2023) reitera que a principal luta dentro dos movimentos surdos é a necessidade do reconhecimento e da legitimação da Língua de Sinais como primeira língua dos surdos, a qual possibilita o desenvolvimento da construção de suas identidades.

Ao utilizar a Libras para se comunicar, o sujeito surdo tem nela uma forma de afirmação de sua identidade e diferença linguística. De acordo com Gladis, Nelson, Patrícia e Shirley, trata-se de uma proposição de efetivação do bilinguismo como filosofia educacional mais adequada para os educandos surdos.

No âmbito social, os entrevistados demarcam a necessidade da circulação da Libras em todos os espaços. Para tanto, inferem a relevância dos cursos básicos de Libras para todos os sujeitos, afinal, a “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 2016). Quando homens e mulheres passam a ter formação sobre o sujeito surdo e a Libras, suas atitudes, aparentemente, mudariam, o que reverberaria em uma sociedade mais inclusiva e anticapacitista.

Para tanto, ensinar Libras implicaria a formação de uma sociedade anticapacitista. Gladis pontua a necessidade de ensinar Libras nas escolas, porque a ausência de profissionais que soubessem sua língua lhe impossibilitou a compreensão dos conteúdos em sua vivência. Em seus sinais, narrou que: “[...] é importante ensinar Libras na escola para que todos que estão lá saibam se relacionar, conversar e ensinar o surdo”.

Gladis chama atenção para responsabilidade ética com o outro surdo ao olhá-lo na sua diferença existencial e linguística. Para ela, todos devem aprender a Libras para se relacionar com o surdo e ensiná-lo. Isso implica responsabilidade de todos os sujeitos que compõem o espaço educacional. Todos os educandos (surdos e ouvintes), educadores, intérprete educacional, técnicos, gestores, diretores, merendeiras, secretários, faxineiros, familiares e demais pessoas compõem direta ou indiretamente o local e devem estar envolvidos com a Libras.

Corroborar-se com o pensamento de Oliveira (2015, p. 199) ao “[...] pontuar que o processo de inclusão educacional não é somente remover barreiras comunicacionais, como também, atitudinais, arquitetônicas etc”. É repensar um

fazer educativo pautado na diferença como alteridade, na dialogicidade e na pluralidade das múltiplas identidades.

Na relação com os outros, fazemo-nos sujeitos. Esse fazer não se restringe ao âmbito educacional. Portanto, não basta ensinar Libras somente nas escolas. Faz-se necessário sua expansão em todos os espaços sociais, como: na igreja, no trabalho, nos centros comerciais, nos departamentos públicos, nas empresas, na área da saúde entre outros espaços.

A esse respeito, destaca-se o espaço religioso, nos quais os entrevistados Patrícia e Nelson sinalizaram que possuem intérprete de Libras e grupos de surdos que estudam a bíblia. Patrícia é evangélica e participa de uma comunidade surda religiosa, que se chama “Mãos que semeiam”, na qual toda palavra, louvores são lidos em Libras. Soma-se a isso, a alegria e no acolhimento de Patrícia em comungar em um espaço religioso com seus pares. Segundo ela, “tenho muito interesse no louvor, na comunicação, na adoração, no grupo de dança em Línguas de Sinais na igreja. Mas agora me mudei e estou apenas no grupo de louvor da igreja ‘Mãos que semeiam’ [...] eu sou muito feliz lá”.

O mesmo acolhimento e alegria vivida por Patrícia é experienciado por Nelson, que participa da Comunidade Adventista do Sétimo Dia. Segundo ele, “lá tem intérprete de Libras, grupo de estudos em Libras [...] eu entendo o que o pastor fala e ele sabe um pouco de Libras”. Nota-se que para ambos o acolhimento e a amorosidade refletem-se na aceitação do outro mediante a aceitação de sua língua.

Entretanto, essa realidade religiosa de Patrícia e Nelson nem sempre ocorre com os sujeitos surdos. Como descrito por Shirley, “[...] na igreja eu participava mais da Testemunha de Jeová porque lá eles sabem da língua de sinais, na católica eu comecei agora, no passado não ia, agora tem intérprete”.

Percebe-se, então, que, quando o espaço religioso for bilíngue, há uma participação efetiva dos sujeitos surdos. Os sujeitos surdos podem até frequentar espaços em que a Língua de Sinais não circula, porém, não ficarão neles. Nos espaços bilíngues em que há a presença de sujeitos surdos usuários da Libras, estabelece-se um olhar dialógico de convivência para diferença. Conforme Freire, “a virtude que nos ensina a conviver com o diferente, a aprender com ele. Conviver

com o diferente sem, obviamente, se considerar superior ou inferior a ele ou ela, como gente” (Freire, 2003, p. 194).

Essa convivência com o outro, diferente de mim, oportuniza conhecer as diferenças e aprender com elas em uma dimensão relacional ética, dialógica e acolhedora. É conviver com o outro, diferente de mim, ou seja, ter uma prática de convivência para além da diversidade, para as diferenças socioculturais e individuais. Nesse sentido, Patrícia sinaliza a felicidade em vivenciar um espaço verdadeiramente bilíngue:

Quando no espaço todos usam Libras, é mais fácil para o surdo [ênfase adicionada]. Por exemplo, me sinto feliz na igreja porque todos se comunicam em Libras, . . . na sala de aula, do curso de pedagogia bilíngue, os professores são surdos e têm os que são ouvintes, mas são fluentes na Libras. Eu me sinto muito feliz porque há uma relação boa, consigo compreender as atividades, porque está na minha língua [ênfase adicionada] (Entrevistada Patrícia).

Sua interação com outro ocorre através da Língua de Sinais, o que proporciona acesso comunicacional aos conteúdos e uma relação dialógica face a face com os outros que vivenciam o espaço religioso e educacional. Patrícia sinaliza que é uma relação boa, pois envolve o respeito às diferenças, por isso, “o amor é um ato de coragem, pois está em comprometer-se com a sua causa. A causa da libertação. Mas, esse compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (Freire, 2017, p. 78)

O amor é o princípio da socialização humana, e qualquer situação que inviabilize o amor, destrói a socialização. Na perspectiva freireana, a amorosidade vincula-se à práxis da humanização e da assunção do ser. “A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu*” (Freire, 1996, p. 41). Compreende-se que há o processo de empoderamento da diferença e da sua identidade na assunção do ser, como sinalizado por Nelson. Quando ensina a Língua Brasileira de Sinais, afirma-se enquanto um sujeito surdo usuário de uma língua diferente e que desempenha papel de protagonista no ensino e na difusão dela. Segundo ele: “Eu ensino Libras! *Eu ensino a minha língua*, eles aprendem, eles têm interesse, eles vão para o básico, para o avançado da Libras”.

Faz-se necessário pontuar que, no Art. 6º §2, “. . . as pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput” (Brasil, 2005, p. 2). Assim sendo, a preferência para o ensino da Libras, seja em nível médio e/ou superior, é do profissional surdo certificado conforme os itens descritos no art. 6 do Decreto de Libras (Brasil, 2005). Além da prioridade do ensino ser do profissional surdo, destaca-se o lugar de representatividade, de poder e saber que este sujeito ocupa, como tratado por Oliveira e Oliveira (2019):

O instrutor surdo não seria apenas importante em uma perspectiva educativa, mas também enquanto um modelo identitário, afetivo e linguístico para o educando Surdo, na medida em que esse profissional compreende as singularidades do olhar da diferença como alteridade, pois é capaz de apreender as especificidades do outro-Surdo por ser um sujeito bilíngue e usuário da Libras (p. 21).

Assim, a Libras é descrita por Nelson em uma dimensão humana e existencial e social, uma vez que o profissional surdo ocuparia um lugar de poder na difusão de sua língua, na ilustração da sua diferença linguística, no anúncio de sua integralidade do ser e no combate as práticas capacitistas presente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Brasileira de Sinais apresenta-se em três dimensões, conforme as narrativas de Gladis, Nelson, Patrícia e Shirley. Em uma dimensão humana e existencial, uma vez que, por meio dela, os entrevistados se identificam como surdos e demarcam seu pertencimento a uma comunidade linguística, como também anunciam/sinalizam sua inteireza de ser.

Uma dimensão educacional, posto que, durante seus processos formativos educacionais, o capacitismo atravessa seus corpos, fazendo-os vivenciar um espaço desfavorável na circulação das duas línguas (Libras e Língua portuguesa). Desse modo, a Libras indica a proposição e o fortalecimento de uma educação bilíngue, que valorize a particularidade linguística dos educandos surdos e que proponha um ensino articulado a um currículo surdo, ao reconhecimento das identidades dos sujeitos surdos para a promoção de um espaço bicultural.

E, por fim, uma dimensão social, já que, através do ensino de Libras em cursos básicos e na sua circulação em todos os espaços sociais, favorece o combate ao capacitismo para o anúncio de uma sociedade anticapacitista, verdadeiramente bilíngue e inclusiva.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 2010.

Brasil. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, 23-23, Brasília, 2002.

Brasil. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, 28-28, Brasília, 2005.

Freire, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 1996.

Freire, P. **Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. (2a. ed.). UNESP, 2003.

Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. (63a. ed.) Paz e terra, 2017.

Freire, P. **Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos**. (3a. ed.). Paz e terra, 2016.

Loos, H.; Sant'ana, R. S.; & Rodríguez, S. I. N. Sobre o sentido do eu, do outro e da vida: considerações em uma ontologia acerca da alteridade e da resiliência. *In: Stoltz, T., Guérios, E., Educação e alteridade* (pp. 149-164). EdUFSCar, 2010.

Lopes, M. C. **Surdez e Educação**. Autêntica, 2007.

Martins, V. R. O. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. **Revista Cadernos do Ceom**, 21(28), 191-206, 2008. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/161>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Oliveira, W. M. M. **Representações Sociais de educandos surdos sobre a atuação do intérprete educacional no ensino superior**. 2015. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Pará]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações CCSE. <https://ccse.uepa.br/ppged/>.

Oliveira, W. M. M. **Narrativas de vida e pensamento decolonial: na construção da integralidade do ser surdo na amazônia tocantina.** 2023. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Pará]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações CCSE. Disponível em: <https://ccse.uepa.br/ppged/>.

Oliveira, W. M. M. de, & Oliveira, I. A. de. A formação de instrutores de Libras: a consolidação das políticas linguísticas na Amazônia Tocantina. **Revista Educação Especial**, 32, e97/ 1–25, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X38279>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Quadros, R. M. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão exclusão.** Editora Ponto de Vista, 2003.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2024.

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2024.

Publicado em: 29 de fevereiro de 2024.

